

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A DISPARIDADE ETÁRIA E O ENSINO DE L.E.

SIQUEIRA, IAGO NIZOLLI¹; MACHADO, MARISTELA GONÇALVES SOUSA.
Orientadora.²

¹Universidade Federal de Pelotas – iagers@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maristelagsm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretende-se relatar as experiências de um graduando do 3º semestre de Letras – Português/Francês e suas respectivas literaturas como ministrante do Curso Básico de Francês I no projeto de extensão Língua Francesa no Instituto Federal Sul-Riograndense.

A área de Francês do CLC da UFPEL tem uma forte tradição extensionista e oferece cursos básicos de FLE à comunidade de Pelotas desde 1979. Atualmente há nove cursos de Extensão oferecidos pela área de francês: Teatro em Francês, Ciclo de Palestras aspectos e desafios da francofonia XIII, Língua Francesa no Instituto Federal Sul-Riograndense¹, Francês para a Comunidade Escolar Pública, Curso de Conversação em Língua Francesa, Aspectos linguísticos e prosódicos do francês língua estrangeira², Introdução à compreensão de leitura em língua francesa³ e Francês para a comunidade do Anglo⁴.

O projeto Língua Francesa no Instituto Federal Sul-Riograndense existe desde 2003 e tem como objetivo estreitar as relações entre esta instituição e a UFPEL de forma a contribuir para viabilizar o intercâmbio da comunidade do Instituto com um número significativo de instituições francesas. Entre outros, pode-se citar o projeto Brafitec/Capes de intercâmbio docente e discente na área das Engenharias com a École de Mines d'Ales e Sigma-Clermont Ferrand, o projeto Indústria Eletrônica e Energias Alternativas e os convênios com os liceus profissionais Washington-Touchard, Dhuc e Eugène Livet.

Ministrados por alunos da Licenciatura em Letras - Português /Francês e suas respectivas literaturas, os cursos de francês priorizam as quatro habilidades linguísticas procurando igualmente despertar na comunidade o gosto pela língua e pela cultura de expressão francesa. Desse modo, o estudante é a alma do projeto, diferentemente de outras épocas em que professores substitutos também podiam ser ministrantes.

Como o público do IFSUL não tem, em sua maior parte, condições de ter acesso aos cursos privados de línguas estrangeiras, o projeto promove a inclusão linguística: o ensino do francês responde assim a uma demanda social posto que se torna um instrumento facilitador para que esses atores sociais expandam seus horizontes, aproveitem oportunidades de mobilidade internacional e sejam capazes de ler e dialogar em francês com as instituições conveniadas com IFSUL. Além disso, em um mundo plural, o francês assume um importante papel de resistência à unidade linguística e cultural sonhada pela globalização totalizante. No terceiro semestre da minha formação, ser aprovado para ministrar um curso de francês me proporcionou uma imensa felicidade, e ao mesmo tempo, as mais

¹ Coordenados pela Prof.^a Dr.^a Maristela Gonçalves Sousa Machado.

² Coordenados pela Prof.^a Ms.^a Ana Maria da Silva Cavalheiro

³ Coordenados pela Prof.^a Dr.^a Mariza Pereira Zanini

⁴ Coordenado pelo Prof. Ms. Deividi Silva Blank

diversas expectativas. A ideia de poder transmitir o meu aprendizado, me encantava. A partir disso, comecei a me perguntar se conseguiria por em prática o conhecimento já adquirido na graduação. Apesar das dificuldades iniciais na elaboração dos planos de aula, em pouco tempo comecei a relacionar meu trabalho como ministrante com os aspectos práticos das disciplinas que eu estava cursando. Cada informação fornecida em aula pelas professoras conectava-se com a prática e me dava subsídios para aprimorar a organização dos conteúdos.

A idealização natural - querer agradar e interessar os alunos e ministrar aulas prazerosas -, foi sendo substituída pela percepção real da prática.

Essa experiência possibilitou uma vivência real da minha futura profissão em sala de aula. Nesta perspectiva, GARCIA (2012, p. 42) ressalta a importância das atividades extensionistas:

“Quando o acadêmico atua além dos eixos organizadores do ensino, ele fica muito mais próximo da realidade na qual estará inserido logo após deixar a academia. O estágio já anuncia o cotidiano com o qual ele vai trabalhar, mas com a oportunidade de atuar na comunidade acredita-se que sua ação será mais rica, porque, nascida de uma práxis vivenciada pelo acadêmico, legitima um papel ativo e autônomo em relação à construção de seu aprendizado, dando a ele um sentido próprio.”

Inicialmente inseguro, confrontei-me com alunos de diversos perfis: de estudantes recém-chegados ao ensino médio a servidores experientes do IFSUL. Por apresentar um visual jovem e alternativo, temi a reação tanto dos alunos mais velhos, como dos alunos mais novos: será que os alunos mais velhos aceitariam um ministrante muito mais novo do que eles? E os alunos jovens me respeitariam?

Os ensinamentos transmitidos pelo corpo docente do projeto de extensão formado pelas professoras Ana Maria da Silva Cavaleiro, Maristela Gonçalves Sousa Machado e Mariza Pereira Zanini, foram muito valiosos nesse processo.

2. METODOLOGIA

Esta reflexão inicial sobre a minha experiência como ministrante, ainda carece de uma fundamentação teórica mais sólida. Vivenciando a prática da teoria, pude repensar o papel do professor.

Ao contrário do que pregam as ideias behavioristas, os estudantes não são tábula rasa onde o professor, detentor de todo o saber, deposita seu conhecimento. De acordo com cada individualidade e perfil, os alunos demonstram um grande conhecimento prévio em aspectos específicos. PRIVAS-BREAUTÉ (2013, p. 1) discorre sobre o papel do professor : “*En confiant la responsabilité de leur apprentissage aux élèves tout en les accompagnant progressivement vers l'autonomie langagière, l'enseignant est devenu un animateur, un médiateur, un accompagnateur. Il peut ainsi être qualifié de « facilitateur d'apprentissage ».*”

A prática didática envolve mais do que simplesmente a emissão de conhecimento por parte do professor. O aprendizado é mútuo e abrange muitas áreas. Os meus anseios e temores de não ser aceito pela turma e de ter algum tipo de problema, foram desaparecendo quando me familiarizei com o conceito de Filtro Afetivo de Krashen (1982). Procurei aplicá-lo em minha sala de aula, deixando os alunos confortáveis e criando um ambiente descontraído de estudo. Desta maneira, estimei o aprendizado da língua francesa, respeitando a individualidade de cada um, o que também me ajudou a superar a disparidade de faixas etárias.

As frequentes perguntas gramaticais, remetiam-me ao conceito de aprendizagem, Krashen (1982). A necessidade de entender cada componente do enunciado era uma característica de quase todos os estudantes, independentemente da idade. Pude perceber os perfis de *bon apprenant* e *apprenant faible* segundo Stern e Rubin (1975). Considero exemplos de *bon apprenant* alguns alunos que aproveitavam qualquer tipo de oportunidade para se expressar ou utilizar a língua francesa, enquanto os *apprenants faibles* tentavam sempre fugir destas situações e das tarefas solicitadas. O conceito de aprendizagem de CYR (1998, p. 83) passou a fazer sentido: “Il faut dire que la personnalité dirige le processus d’apprentissage et sa mesure. C’est un phénomène large qui relie sinon « le style d’apprentissage, la tolérance à l’ambiguïté, la réflexion et l’impulsivité, l’extraversion et l’introversion. » “

O fator idade também me fazia pensar nos processos individuais de aprendizagem da turma. Em *Principles and Practice Second Language Acquisition* (1982, p.1), KRASHEN faz uma observação relevante à controvérsia da idade no ensino de línguas estrangeiras:

It has been popularly assumed that age itself is a predictor of second language proficiency, that younger acquirers are better at second language acquisition than older acquirers. It can be argued, however, that age is not in itself a predictor of second language rate or attainment, and that here too everything reduces down to the quantity of comprehensible input and the level of the affective filter.

Auxiliado por esses pensamentos e teorias, pude dar os primeiros passos no universo da educação e refletir sobre o meu próprio percurso acadêmico e profissional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mais de quinze pessoas em uma sala do IFSUL esperando, observando e esperando que eu fizesse ou dissesse algo para que a aula começasse, soava como algo amedrontador pra mim.

O fator decisivo do meu percurso como ministrante foi o conhecimento e aplicação dos conceitos discutidos acima. Vi-os nas aulas da disciplina Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Francesa, que cursei concomitantemente aos encontros da extensão. A prática parecia se encaixar perfeitamente com a teoria e desta forma pude desenvolver um olhar crítico e enxergar a minha experiência de maneira produtiva. Os meus erros, insucessos e inseguranças como ministrante foram sendo identificados, assim como os diversos perfis de meus aprendizes. A elaboração dos planos de ensino e o convívio com os estudantes tornaram-se mais fáceis, visto que, a partir das noções da Linguística Aplicada, fui conseguindo compreender a individualidade de cada um e tomar as decisões necessárias.

Esforcei-me para que a disparidade etária, que eu tanto temia, não interferisse no processo de aprendizagem. A noção de Filtro Afetivo, proposta por Krashen, facilitou a minha relação com o grupo contribuindo para que houvesse respeito, que a ansiedade diminuísse e a motivação para aprender a língua francesa aumentasse.

Lembrei-me das minhas próprias dificuldades e preocupações nos meus primeiros estágios de aprendizado da língua francesa e consegui compreender facilmente a ansiedade manifestada por meus alunos.

Elaborar os planos de aula foi inicialmente uma tarefa difícil, mas o suporte oferecido por minha orientadora, na forma de correções e sugestões, foi essencial

para que eu passasse a refletir sobre o uso do material didático e criasse as minhas próprias estratégias.

4. CONCLUSÕES

As múltiplas acepções para o verbo francês *apprendre* me permitem, resumir minha experiência: ensinar e aprender são, à primeira vista diferentes, mas estão intrinsecamente associados.

Minha experiência como extensionista foi desafiadora, mas me proporcionou a certeza de que vou perseverar na minha formação como professor no curso de Letras. O reforço positivo de vários alunos contribuiu significativamente para essa percepção. Com o passar das aulas e dos encontros com a minha orientadora, fui me tornando um aluno diferente. Comecei a perceber as minhas aulas de outra maneira, a disciplina de Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Francesa se tornou cada vez mais interessante, e no meu caso, contextualizada. Por vezes, ficava analisando as estratégias didáticas utilizadas pelas professoras tentando assimilá-las e incorporá-las à minha própria didática.

A minha experiência extensionista no IFSUL deu, portanto, um novo sentido ao meu processo de aprendizado, abriu-me horizontes e veio confirmar o desejo de me tornar professor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, Berenice **A contribuição da extensão universitária para a formação docente**. 130f. Tese (Doutorado em Educação- Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 42, 2012. Acesso em 20/07/2016. Disponível em <http://univille.edu.br/community/biblioteca_universitaria/VirtualDisk.html?action=readFile&file=A_Contribuicao_da_Extensao_Universitaria_para_a_Formacao_docente_Berenice.pdf¤t=/>.

KRASHEN, Stephen. **Principles and Practice in Second Language** p.1, 1982. Acesso em 26 jul. 2016. Online. Disponível em: <http://www.sdkrashen.com/content/books/principles_and_practice.pdf>

PRIVAS-BRÉAUTÉ. Virginie. **D' "enseignant" `a "facilitateur d'apprentissage" : Retracer les contours de la profession d'enseignant de langues vivantes** p. 1, 2013. Acesso em 26 jul. 2016. Online. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01071474/document>>

Cyr, P., Germain, C. **Les stratégies d'apprentissage**. Collection dirigée par Robert Galisson, CLE International. Nathan. ISBN : 2-09-033326-X